Uniforme de trabalho e a emancipação feminina: das companhias aéreas à siderurgia

Rita de Cássia Pereira Farias (Universidade Federal de Viçosa)

Resumo

O artigo[1] enfoca os uniformes de trabalho usados no setor de aviação e no setor siderúrgico como mecanismo que molda as diferenciações de gênero e contribui para a emancipação feminina. O paralelo entre universos tão distintos tem o propósito de confirmar como as construções de gênero se moldam de forma diferenciada e o quanto contam com a cumplicidade do vestuário.

Palavras chaves: Uniforme, gênero, trabalho

Abstract

This paper focuses on the working uniforms used in the aviation industry and the steel factory as a mechanism that shapes the gender differences and contributes to the emancipation of women. The parallel between such different universes has the purpose to confirm how the gender constructions are differently shaped and how much they rely on the complicity of clothing.

Introdução

Além das características instrumentais que asseguram a proteção dos trabalhadores, o uniforme veicula e comunica símbolos que contribuem para a imagem empresarial, demonstrando organização e praticidade, além de dar visibilidade às características da empresa. Ele é também um elemento útil para se expressar uma condição oficial de pertencimento a uma instituição, indicando adesão às normas empresariais. Assim, o uniforme acaba fazendo parte de um pacto silencioso de comprometimento, indicando que o trabalhador

[1] O artigo é resultado de minha tese de doutorado intitulada "Entre a igualdade e a distinção: a trama social de uma grande empresa corporificada no uniforme de trabalho". Defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp, defendida em março de 2010. A tese consta de uma análise os significados simbólicos da uniformização das vestimentas de trabalho nela siderúrgica Usiminas, localizada no Vale do Aço mineiro.

assume as normas e a postura ética da empresa, agindo conforme os valores empresariais.

É importante ressaltar a dimensão simbólica dos uniformes, a qual muitas vezes não é imediatamente identificada exigindo um estudo mais aprofundado. Afinal, como produto histórico, o uniforme traz impressas as marcas de um tempo e lugar, estabelecendo ligações diversas com a sociedade. Os modelos, cores e texturas dessas vestimentas imprimem, sobre os corpos que os transportam, manifestações culturais e construções de classe e de gênero.

Para as mulheres, o uniforme que simbolizava o acesso a espaços públicos era um emblema de mudanças que instrumentalizava novos modos de ser, agir e pensar. Segundo Simili (2008), ele favorece a incorporação de novos valores e expectativas que recaem sobre as mulheres (autocontrole, segurança, disciplina, obediência, confiança, organização, respeito à ordem e à hierarquia), o que ampliava a auto-confiança quanto ao potencial profissional das mulheres e favorecia sua emancipação Usar o uniforme implicava compreender, aceitar e obedecer às regras e atender as expectativas sociais em torno da atuação das mulheres em prol da nação.

Quando o uniforme envolve um misto de símbolos masculinos (quepe, cinto e gravata) e feminino (saia, bolsa e batom), ele externaliza os conhecimentos, comportamentos, regras, valores e seriedade necessários ao trabalho, sem abri mão das expectativas de feminilidade que recaem sobre a usuária: altruísmo, bondade, abnegação, cuidado e devoção, consideradas “naturais” à essência feminina (SIMILI, 2006, p.9).

Como os valores são criados e mantidos em contextos específicos, analisar o uniforme usado por mulheres em locais de trabalho diferenciados possibilita refletir sobre o contexto mais amplo do qual eles fazem parte, inserindo-o na história, desvendando significados e valores que são impressos sobre ele. Tomar o uniforme como objeto de estudo permite verificar os mecanismos mediante os quais estilos de vida e relações sociais se moldam e se entrelaçam na constituição do tecido social.

Os uniformes das aeromoças e a emancipação feminina

As aeromoças foram uma das primeiras profissões em que as mulheres atuaram usando um uniforme que as distinguia. Devido à precariedade dos instrumentos de orientação do voo e a pouca autonomia de intervenção em qualquer situção de risco, aqueles que se atreviam a voar eram vistos como aventureiro. Devido às condições precárias, as mulheres eram impedidas de voar. Assim, os zepelins, primeiros profissionais do ar, eram todos homens A presença das primeiras mulheres como profissionais nos aviões se deu na década de 1930, quando a jovem enfermeira americana Ellen Church, que amava a aviação, mas foi impedida de pilotar uma aeronave por ser mulher, sugeriu à empresa aérea e fabricante de aeronaves *Boeing Air Transport* que contratasse enfermeiras para cuidar da saúde e segurança dos passageiros durante o voo. A empresa atendeu à sua sugestão e contratou oito enfermeiras, comandadas por Ellen Church, que usavam o uniforme de enfermagem no serviço e eram vistas como “anjo da guarda”. Essa estratégia logrou êxito, pois as mulheres a bordo, vistas como criaturas frágeis, transmitiam segurança aos passageiros de que o avião não era tão perigoso quanto parecia (AMMANN, *apud* ALBUQUERQUE, 2006).

Progressivamente, a imagem das aeromoças passou a ser marcada pelo glamour e beleza, era fomentada principalmente pelo cinema dos anos 60 e 70 que enfocavam as aeromoças como se fossem troféus para homens de boa situação financeira. Embora pagassem baixos salários, devido ao forte impacto na imagem empresarial, as companhias aéreas faziam várias exigências às aeromoças que deveriam ser jovens, enfermeiras, solteiras, sem filhos, possuir um padrão de peso e altura, além de serem belas, charmosas, elegantes, amáveis e sorridentes (CEAB, 2008). Os artifícios que envolviam a aparência dessas profissionais levaram a substituição da imagem do “anjo da guarda” pela do glamour. Assim, o uniforme tornou-se o principal símbolo de glamour da aviação, cujo sucesso repercutiu em todo o mundo.

Visando fortalecer sua imagem empresarial e atrair passageiros, as companhias aéreas passaram a contratar costureiros famosos para fazer os emblemáticos uniformes das aeromoças. A tendência de adotar uniformes elaborados por estilistas renomados iniciou-se em 1946 pela companhia aérea *Air France,* que adotou uniformes assinados por Georgette Renal.

Posteriormente, a companhia recorreu a Dior, Pierre Cardin, Balenciaga, Courrèges, Patou e Christian Lacroix.

Os investimentos em uniformes luxuosos e glamourosos embalavam sonhos e fetiches quanto à vida nas alturas e ao modo de vida francês. Devido ao prestígio que envolvia a vida das aeromoças, no imaginário das jovens aspirantes a essa profissão, seu status era semelhante ao das modelos ou estrelas de cinema. A exploração midiática da imagem das aeromoças para popularizar os serviços aéreos foi uma estratégia mercadológica altamente rentável, a qual atingiu seu ápice nos anos 1960 e 1970. Sob os efeitos da influência midiática, as aeromoças apareciam nas propagandas como protótipo de uma feminilidade ideal, escondendo as dificuldades inerentes à profissão.

Visando compreender as dimensões de gênero estabelecidas no espaço da aeronave através da análise dos uniformes e dos comportamentos que os acompanham, Cláudia Fay e Geneci de Oliveira (2008) analisaram a condição social das mulheres que desempenham profissões distintas no avião: piloto e comissárias de bordo. Ocupando posições antagônicas, os uniformes reforçam as diferenças de status e de gênero culturalmente determinadas, bem como as expectativas sociais que recaem sobre elas.

Na parte de trás do avião, junto aos passageiros, atuam as comissárias de bordo (aeromoças) que cultivam o emblema da beleza, feminilidade e glamour e usam saias como símbolo máximo da feminilidade. Suas atividades são prolongamentos dos atributos culturalmente determinadas às mulheres no recinto do lar: transmitir informações (educar), proporcionar segurança e conforto aos passageiros (cuidar), bem como servir alimentos (nutrir). Nessa categoria profissional, as mulheres são maioria e sua posição já está consolidada, embora haja homens atuando no setor.

Enquanto as aeromoças são envolvidas pelo emblema da beleza e feminilidade, atributos culturalmente exigidos, as mulheres que trabalham na cabine de comando da aeronave como pilotos e copilotos são levadas a minimizar a feminilidade para terem uma atuação equiparada à dos homens, já que o trabalho é realizado em um espaço de domínio masculino, marcado pelas construções sociais em torno da determinação, coragem, e autocontrole. Nessa posição não consolidada, em que as mulheres são minoria e competem com os homens, não há investimento na imagem da feminilidade ideal que

Naomi Wolf (1992) chamou de “mito da beleza”. Visando ressaltar a seriedade e competência, o uniforme delas - composto por calça, paletó, gravata e quepe - é semelhante ao de seus colegas de profissão do sexo masculino e recebe as insígnias de ordem e poder, herdadas da esfera militar. Os elementos que compõem esse traje traduzem as distinções hierárquicas e atributos que causam alto impacto visual e conferem poder e autoridade a uma profissão que está embasada na ciência e tecnologia.

A atuação das mulheres na cabine de vôo, mesmo que em minoria, demonstra que as mulheres foram progressivamente conquistando espaços vistos como androcêntricos. Mesmo enfrentando restrições e ameaças, elas puderam se destacar pela capacidade e dinamismo, comprovando que eram tão eficientes (ou mais) que seus colegas de trabalho do sexo masculino. O uniforme contribuiu para proporcionar maior segurança nos setores onde as mulheres atuavam.

Mulheres da Usiminas: dos “perigos” da prostituição à conquista de novos espaços

Na Usiminas, as mulheres usam o mesmo uniforme de trabalho que os homens, pois a empresa adota um mesmo padrão de uniforme para todos os funcionários, independentemente do nível hierárquico ou gênero (até mesmo o presidente da companhia o usa, sob a justificativa de se igualar a todos). Entretanto, para entender o significado do uniforme usado pelos trabalhadores é preciso mencionar o contexto histórico em que a Usiminas foi implantada em Ipatinga (MG).

Quando foi iniciada a construção da Usiminas, em 1958, o pequeno povoado que tinha uma população em torno de trezentos moradores e contava praticamente com uma estação de trem e uma rua onde “*havia um bar, duas mercearias, uma farmácia e duas lojas de tecidos*” recebeu uma população estimada em 12 mil pessoas que foram recrutadas para a construção da Usiminas e depois para as atividades siderúrgicas (MURTA, 2004, p.29).

Como o lugarejo foi ocupado por todo tipo de “peão”, sem origem social conhecida, renome ou escolaridade, Ipatinga era vista como um lugar de homens, de aventureiros. O somatório de problemas estruturais e sociais, a

necessidade de trabalhos braçais, bem como as notícias de assassinatos, prostituição, roubos e mendicância alimentavam o discurso de que as mulheres deveriam ficar resguardadas no lar e longe da siderúrgica.

Apesar das forças contrárias, progressivamente as mulheres conquistaram espaço na Usiminas e se inseriram em diversos setores. Inicialmente as inserções se deram através das tradicionais "atividades femininas" (copeira, faxineira, telefonista ou secretária). Posteriormente houve contratações de mulheres com diploma superior.

Em função dos "perigos" que as mulheres enfrentavam e das concepções de sexualidade vigentes na siderurgia, a secretária Fátima, durante a entrevista, comentou que no setor produtivo da Usiminas, devido à presença de peões, não é permitido às mulheres usar saias, nem blusas sem mangas. Virgílio (68 anos), que trabalhou na Usiminas e se aposentou por uma empreiteira reiterou o argumento de Fátima: "*Você sabe como é peão, né? Não presta. Se ver uma mulher subir na escada..."* Os argumentos de Fátima e Virgílio deixam entrever que as exigências quanto à vestimenta têm relação com a prevenção de assédio no local de trabalho. Para evitar esse problema, quando a Usiminas passou a contratar mulheres, os dirigentes decidiram que seria conveniente que elas se vestissem de forma semelhante aos homens. Fátima me disse que o superintendente da Usiminas instrui as mulheres acerca do comportamento esperado pela empresa:

> A gente tem que ser como os homens também. Se a gente vestir um uniforme mais apertadinho, vai chamar a atenção dos homens, então o nosso uniforme é todo largo, com camisa larga, para gente se igualar, né? Já que a gente quer ser como os homens, então a gente tem que vestir a roupa também, né? Como os homens.

Apesar de o discurso oficial referir-se aos perigos do assédio sexual, várias esposas de operários da Usiminas comentaram as dificuldades que enfrentavam no controle da casa e no cuidado com os filhos, visando subsidiar o trabalho do marido, como menciona Dalme, cunhado do operário Geraldo: "*Quando o marido está de zero hora [trabalho noturno] e chega em casa [pela manhã], é um Deus nos acuda! Ele está morto de cansado e estressado. Ninguém pode fazer nenhum barulho, pois ele precisa dormir!"* Ela mencionou que a casa tem que estar em total silêncio! Não pode sequer usar panela de

pressão. Quando o marido chegava pela manhã, após o trabalho de turno, as esposas precisavam sair com as crianças pelas praças para eles brincarem e os maridos dormirem.

Diante do investimento das mulheres na carreira dos maridos, dá para inferir que o discurso da Usiminas quanto aos perigos que envolvem as mulheres que trabalham na Usiminas é uma forma de afastá-las desse espaço produtivo para subsidiar o trabalho do marido. Assim, a empresa não prioriza a contratação de mulheres, visando mantê-las no recinto doméstico para prover as condições favoráveis ao trabalho dos maridos.

Os discursos quanto aos perigos do assédio sexual como forma de afastar as mulheres da siderurgia corrobora as análises de Margareth Rago (2006) que afirma que no início do processo de industrialização brasileira as mulheres eram maioria. Com o tempo, os homens criaram estratégias para "expulsar" as mulheres do mercado de trabalho industrial, mediante o investimentos na criação e consagração de mitos a respeito da sexualidade feminina e de padrões morais de conduta para os sexos. Em Ipatinga não foi diferente. Quando a Usiminas começou a funcionar em 1962, os discursos que procuravam manter as mulheres ao lar estavam em pleno vigor.

Embora o discurso oficial aponte a necessidade de controle da sexualidade e os perigos que as mulheres estão sujeitas diante dos peões da siderúrgica, os depoimentos dos entrevistados revelam outros motivos. Um exemplo interessante vem da engenheira Sônia, casada com um engenheiro da Usiminas, que ficou sabendo que a Usiminas Mecânica (Usimec) precisava de um engenheiro com a sua formação. Apesar de a vaga ser destinada a um homem, ela foi até a empresa e se candidatou ao cargo. No decorrer da conversa, descobriu que o motivo pelo qual eles desejavam contratar um homem devia-se ao afastamento das mulheres durante a licença maternidade, enfermidades dos filhos e coisas afins. Sônia esclareceu que esse "problema" ela não teria, pois havia passado por uma cirurgia para retirada do útero. Como seu marido trabalhava na Usiminas, após intervenções de pessoas conhecidas, ela foi contratada e trabalhou por vários anos na empresa, até que saiu por conta própria para dedicar-se à maternidade, quando adotou duas crianças. Apesar de não trabalhar mais na Usimec, Sônia demonstrou que poderia

realizar um excelente trabalho na siderúrgica, abrindo precedentes para que outras mulheres pudessem ser contratadas posteriormente.

Vencendo obstáculos diversas mulheres não só entraram na Usiminas, como foram destacadas em seus setores de trabalho. Entretanto, a inserção feminina ainda é vista com desconfiança pelos homens que sentem sua posição ameaçada. Embora atuem em um setor majoritariamente ocupado por homens, demonstrando maior permeabilidade das mulheres nesses espaços, elas não estão livres dos estereótipos socialmente construídos em torno da feminilidade, principalmente aqueles que caracterizam as mulheres como frágeis e delicadas demais para uma indústria do aço.

Apesar dos avanços, a baixa atuação feminina na siderúrgica não é uma característica exclusiva da Usiminas. Os dados do Instituto Brasileiro de Siderurgia (2008) evidenciam baixa porcentagem de mulheres e significativa diferença na remuneração para aquelas que ocupam o mesmo cargo que homens, principalmente o de supervisor. Quando analisamos as estatísticas do setor, entendemos a surpresa dos homens diante da atuação feminina.

Na Usiminas, o Relatório Anual de 2008, referente ao somatório de todas as empresas do grupo mostra um aumento de 348,6% no número de mulheres que elevou de 1229 (em 2007) para 4285 (em 2008). Além disso, pela primeira vez em sua história, o grupo Usiminas passou a contar com a presença de uma mulher em um cargo da alta direção. Assim, Denise Brum, Diretora de Recursos Humanos compõe o comitê executivo da empresa, formado por doze membros, dentre eles o presidente da empresa.

A iniciativa para contratação das mulheres em 2008 contou com uma parceria entre o grupo Usiminas e o Governo de Minas Gerais - Projeto Usina do Trabalho, como arte da adesão às ações afirmativas do Programa Pró-Equidade de Gênero que busca promover pessoas historicamente excluídas. Uma forma de a Usiminas reparar seu passado de discriminação racial, étnica ou sexual. Como defende Debert (2005, p. 64), "*existem diferenças radicais entre homens e mulheres, mas essas diferenças não devem levar a uma hierarquia ou a inferiorização da mulher*."

A ampliação da inserção feminina na Usiminas corresponde a uma tendência mundial de ingresso de mulheres em funções tradicionalmente ocupadas por homens, como os cargos de direção, gerência e posições

executivas. No entanto, esse avanço ainda é lento e não significou o desaparecimento da desigualdade, pois permanece uma discrepância salarial desfavorável às mulheres, mesmo quando os cargos são idênticos.

Uniforme feminino: do controle da sexualidade às novas possibilidades

Apesar de usar um uniforme parecido com o dos homens, as mulheres procuram ressaltar a feminilidade, mediante o uso de colares, brincos, e sapatos de salto médio. Como ressaltou a secretária, Fátima: "*Mesmo dentro daquele uniforme, a gente mostra que é uma mulher.*" Como as mulheres da Usiminas acham que o uniforme feminino deveria ser mais bonito, elas mandavam confeccionar um terninho cinza, que elas chamam de "uniforme de gala". Na opinião de Fátima, o terninho é um uniforme mais elegante que levas as trabalhadoras a se sentirem mais bonitas e femininas. "*Com ele agente vai com um cabelo arrumado, usa uma maquiagem... fica mais bonita, mais vistosa do que o outro. [...] A gente fica mais elegante com ele, né? Algumas gerências, eles dão de presente para as secretárias. O meu eu comprei*."

Discursos do superintendente informam que empresa adota um uniforme oficial para as mulheres, semelhante ao masculino, com o objetivo de ocultar a sua feminilidade e, com isso, evitar que sejam assediadas sexualmente. Por outro lado, algumas gerências presenteiam as secretárias com o uniforme de gala mais ajustado ao corpo, que não é o oficial. Embora a empresa mencione os riscos de assédio no ambiente de trabalho, diversos trabalhadores afirmaram o respeito dos colegas para com as mulheres que trabalham na Usiminas. Como menciona a secretária Fátima: "*Tanto a gerência quanto os operários, todos têm o maior respeito com a gente*."

Apesar de a Usiminas contratar mulheres não deixa de evocar os perigos da sexualidade nesse espaço, o que, de certa forma, pode inibir a presença de mulheres na siderurgia. Mediante esse jogo ambíguo, a empresa reforça a idéia de que a siderúrgica não é lugar de mulheres, reafirmando o sistema que minimiza a presença das mulheres na siderurgia e legitima um comportamento feminino moralmente correto, subordinado e inferior, o que legitima a siderúrgica como espaço masculino.

Mesmo que o discurso oficial aponte o uniforme como mecanismo de controle da sexualidade, a participação feminina na siderurgia e o uso do

uniforme expressam novas oportunidades das mulheres adentrarem por espaços masculinos e incorporar os atributos socialmente destinados aos homens (força, equilíbrio e poder de decisão). Essa situação contribuiu para a emergência de uma nova maneira de ser que mudou o modo de pensar, comportar, agir e vestir das mulheres, conferindo a elas mais confiança, autonomia e respaldo social, para atuar em condições mais próximas aos homens e lutar em prol de suas reivindicações, confirmando que "*a condição da mulher é socialmente construída e, portanto, possível de ser contestada e redefinida*", como destaca Guita Debert (2005, p. 65).

Usando o uniforme, as mulheres "*experimentaram uma transição de modelos de comportamento, procurando novas formas de expressão simbólica da feminilidade, ao mesmo tempo em que se lançavam profissionalmente em carreiras até então consideradas masculinas*", como ressalta Heloisa Pontes (2006, p.98). Assim, o uniforme passa a ser depositório de expectativas quanto ao desempenho profissional, levando as mulheres a serem admiradas não apenas pelos aspectos que reforçam a "essência feminina" (cuidado, proteção, sensualidade e beleza) e que favorecem a manutenção de estereótipos, mitos e fantasias. Além da força política adquirida, o uso de um uniforme "masculinizado" foi uma boa opção para evitar a difícil situação que leva as mulheres a se enquadrarem no "mito da beleza" (Wolf, 1992) e desobrigá-las dessa coerção, algo tão sonhado pelas feministas dos anos 1960.

O uniforme dos profissionais de empresas aéreas e das trabalhadoras da Usiminas evidencia que esses trajes, muito mais que proteger o trabalhador e comunicar a imagem empresarial, compõem um fenômeno cultural que comunica posição, status e forma de atuação profissional. Os atributos comunicacionais envolvidos na imagem profissional envolvem construções de gênero e diferenças de *poder* e status entre as ocupações que favorece a manutenção de rótulos e estereótipos quanto à atuação masculina e feminina.

Referências

ALBUQUERQUE, Carlos. Aeromoças, uma profissão entre o glamour, a mídia e o medo. 05/09/2006. Disponível em <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,2164996,00.html>

ALMEIDA, Adilson José de. *Uniforme da guarda nacional 1831 - 1852: a indumentária na organização e funcionamento de uma associação armada*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História da USP, 1998.

DEBERT, Guita Grin. "Os estudos de gênero na UNICAMP". In: Moraes, Maria Lygia Quartim. (Org.). *Gênero nas Fronteiras do Sul*. 1 ed. Campinas: PAGU/ UNICAMP, 2005, v. 1, pp. 63-74.

FAY, Cláudia Musa; OLIVEIRA, Geneci Guimarães de. "As mulheres que vestem terno x as mulheres que vestem saias". *Fazendo Gênero 8*, Florianópolis, 2008, p.3.

INSTITUTO BRASILEIRO DE SIDERURGIA. Relatório de Sustentabilidade IBS 2008. <http://www.ibs.org.br/downloads/relat_sust_ibs_2008.pdf>

MURTA, Sandra. *Ipatinga: uma cidade em movimento. Estudo dos impactos do projeto novo centro na remoção e no reassentamento de população*. Dissertação de Mestrado. Caratinga-MG: Departamento de Meio Ambiente e sustentabilidade da Unec, 2004.

PONTES, Heloisa. "A paixão pelas formas: Gilda de Mello e Souza". *Novos Estudos. CEBRAP*, São Paulo, v. 74, 2006, pp. 87-105, 20.

RAGO, Margareth. "Relações de Gênero e Classe Operária no Brasil, 1890-1930". In: Piscitelli, Adriana; Melo, Hildete P. de Maluf, Sônia Weidner; Puga, Vera Lucia (Org.). *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2006, pp. 223-242.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SIMILI, Ivana Guilherme. "Educação e produção de moda na segunda guerra mundial". *Cadernos Pagu* (31), 2008, p. 446.

SIMILI, Ivana Guilherme. "Mulheres uniformizadas: o estilo das voluntárias da Defesa Passiva Antiaérea na Segunda Guerra Mundial". *Revista Ártemis*, no. 4, 2006, p.05. <http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero4/artigos/artigo_04.pdf>

SIMILI, Ivana Guilherme. "O que virou moda na guerra? As voluntárias da Legião. Brasileira de Assistência no Jornal Correio da Manhã". *XVIII Encontro Regional de História*, UNESP/Assis, 2006, p.09 <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XVIII/pdf/ORDEM%20ALFAB%C9TICA/Ivana%20Guilherme%20Simili.pdf>

WOLF, Naomi. *O mito da beleza*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.